

dicionário da gíria brasileira

Euclides Carneiro da Silva

- 3.000 verbetes contendo citações de autores contemporâneos.

- Termos não dicionarizados de ampla freqüência na comunicação moderna.

- A dinâmica da Língua Portuguesa em expressões orais e em textos de livros, jornais e revistas.

EDIÇÕES BLOCH

Primeira edição brasileira: 1973
Copyright © 1973 by Bloch Editores S. A.
Capa de Vera Duarte

Direitos exclusivos para a língua portuguesa
BLOCH EDITORES S. A.

Rua do Russell, 804 — Rio de Janeiro, GB — Brasil
Printed in Brazil

EUCLIDES CARNEIRO DA SILVA

DICIONÁRIO
DA
GÍRIA BRASILEIRA



Dando uma de Prefácio...

GÍRIA

Sobre a palavra "gíria" muito se tem escrito. Várias definições já foram dadas. Diversos conceitos já foram emitidos. Adotamos a definição de Marouzeau:

"Vocabulário parasito que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes."

(Léxique de la Terminologie Linguistique, Paris, 1943, p. 36)

Esta definição aplica-se à gíria em sentido estrito. Neste sentido temos a linguagem dos marginais. Os malandros usam uma fala especial, só conhecida por eles, com a finalidade de fugirem à ação policial.

Esta linguagem está em constante renovação. Em vez de "revólver", dizem "berro". Em lugar de "bala", usam o termo "azeitona". Por "assaltar uma residência" empregam "fazer uma goma".

Nosso trabalho entrou neste campo e pesquisou a gíria em sentido estrito.

Em sentido lato, podemos chamar de gíria o vocabulário usado por determinada classe, sem intenção, porém, de "distinguir-se da massa dos sujeitos falantes".

Usa-se um vocabulário especial, em virtude da necessidade de expressão, não porque se deseje não ser entendido.

Os militares, os estudantes, os motoristas, por exemplo, possuem um vocabulário próprio, que nem sempre é entendido pelo comum do povo. Mas isso por causa do meio em que vivem, em que desenvolvem as suas atividades.

Procuramos, também, pesquisar a gíria em sentido lato.

CALÃO

Além da gíria em sentido estrito e em sentido lato, há ainda o calão. A palavra nasceu na Espanha, para designar a fala dos ciganos. Como eles estavam sempre em companhia de malandros e malfetores, começou-se a usar a palavra "caló" para designar a linguagem desta classe de gente.

O Prof. Artur de Almeida Torres faz a seguinte distinção entre gíria e calão. Para o eminente filósofo, temos o calão quando há na linguagem um "caráter misterioso, para ocultar idéias, como meio de defesa dos criminosos de um agrupamento". (Estudos de Filologia, p. 40, J. Ozon-Editor, Rio-São Paulo, 1964.)

Entretanto, partindo dos fatos da linguagem, do uso que fazemos do termo no Brasil, calão é mais ou menos "palavra obscena". Por isso é que se diz com sabor pleonástico "palavra de baixo calão".

"Quando ele começou a proferir palavras de baixo calão na presença da esposa, o inquieto desesperou-se."

(Jornal do Dia, São Paulo, 10.7.70, p. 10)

Ocupamo-nos, igualmente, do calão, uma vez que muitos dos seus termos estão incluídos na gíria em sentido estrito.

LINGUAGEM PROFISSIONAL

Chamamos, de preferência, "linguagem técnica" ou "linguagem profissional" a linguagem de médicos, cientistas e congêneres. A esta linguagem chamam os alemães, com muita propriedade, "Berufssprache". Achamos que o termo "gíria" não tem muita aplicação, quando se trata de terminologia científica que consta, quase que exclusivamente, de helenismos eruditos.

Vem muito a propósito a observação do Prof. Celso Cunha: "Toda gíria é uma língua especial, mas nem toda língua especial é gíria."

(Miscelânea de Estudos em Honra de Antenor Nascentes, Rio, 1941, p. 97)

Esta linguagem merece um estudo especial, que foge a esta nossa pesquisa.

LINGUAGEM DE HOJE

Diante do que expusemos até aqui, preferimos denominar "Linguagem de Hoje", e não "Gíria" a linguagem usada na sociedade atual, na comunicação moderna, falada e escrita.

Geralmente esta linguagem possui muitos termos não dicionarizados. O seu léxico é, em grande parte, diferente, a sua sintaxe nem sempre obedece às regras tradicionais.

Haja vista a introdução do vocábulo "mini", que está modernizando e dinamizando a nossa linguagem, tomando a dianteira do adjetivo "pequeno" e dos diminutivos sufixais.

Referindo-se a Mônaco, Liechtenstein, San Marino e Luxemburgo, assim se expressa um colunista:

"O que os diferencia é o tamanho, a sua reduzidíssima área. Por causa disso, seguindo a nomenclatura atual (o grifo é nosso) eles poderiam ser chamados de "minipaises."

(Jacyra Otaviano, Última Hora, São Paulo, 19.4.70, p. 5)

Tivemos a "minicopa", em que o Brasil saiu vitorioso. Temos a Mini-Rondon. E tantos outros "minis"...

Considere-se o prefixo "super", riquíssimo de expressividade, usado como adjetivo e substantivo. Veja neste nosso trabalho, s. v.

Esta é a linguagem usada na comunicação moderna. Professores de Língua Portuguesa, não a podemos ignorar. A nossa língua é super-rica, todos o proclamamos. É muito bacana elogiar a própria língua. É de obrigação amá-la, conservá-la em sua pureza, no que ela tem de essencial, mas seguir os seus progressos, perscrutar os seus segredos e manejá-la com proficiência.

O estudo do idioma não consta apenas do conhecimento de normas gramaticais estáticas, que serviram de norma à prosa dos séculos passados.

É mister pesquisar a língua, acompanhá-la de perto, através do tempo, nas suas variações lexicais, sintáticas e semânticas.

É preciso penetrar nos arcanos da língua escrita — estática — e descobrir os segredos da língua falada — dinâmica — usada e compreendida pelo povo, rica de matizes e exuberante de expressividade.

O nosso idioma é, infelizmente, pouco explorado, pelo menos não tanto quanto o deveria ser.

De nossa parte, procedemos a uma pesquisa dessa linguagem, embora trabalho imperfeito, manuseando jornais, revistas e livros de cunho popular, onde o falar moderno vive e palpita, sem preocupações, livre e desinibido, acompanhando o progresso e a marcha dos tempos.

Entregamos aos Brasileiros e Portugueses, de nascença e de coração, o produto deste nosso modesto esforço e da nossa mais sincera boa vontade.

Quisemos dar um passo à frente no estudo e no conhecimento da nossa dinâmica língua portuguesa, falada e escrita neste nosso dinâmico "país tropical", em cuja arremetida para o futuro, servindo-nos da feliz expressão do nosso Presidente Garrastazu Médici:

"NINGUÉM SEGURA ESTE PAÍS."

São Paulo, agosto de 1972

Euclides Carneiro da Silva
Titular de Língua e Literatura
Portuguesa na Universidade de Mogi das Cruzes
(OMEC) e na Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de Santo Amaro (Capital).

Endereço para correspondência:
Rua Pascoal Pais, 528
04581 — São Paulo — SP.